

V ENCUENTRO INTERNACIONAL FÓRUM PAULO FREIRE

Título da comunicação: *Da determinação económica da Educação à possibilidade de Emancipação – Paulo Freire na fractura da Modernidade para a Pós-modernidade*

Autor: Joaquim Jorge Moreira da Silva (Portugal)

A reflexão que me proponho partilhar hoje convosco tem, obviamente, como epicentro a figura de Paulo Freire; mas tem, igualmente, uma outra dimensão que se prende com a necessidade de reflectir o pensamento de Freire no seio da Filosofia da Educação.

Confesso que, estranhamente, os obstáculos e as resistências – de índole académica, ideológica e outras –, foram em maior número do que seria expectável, o que paradoxalmente só vem enfatizar a urgência e importância de efectuar tal exercício reflexivo.

Daí que, peço-vos, não estranhem se porventura a tónica da reflexão derivar mais para o contexto no qual eu desejo reflectir o autor Paulo Freire, do que no seu pensamento propriamente dito. Estou certo, no entanto, que ao actuar deste modo estou a criar as condições para dialogar criticamente e criativamente com a obra freiriana, procurando interrogá-la de uma forma radical, na esteira do exercício filosófico.

Paulo Freire é, na verdade, um dos maiores pensadores e pedagogos de língua portuguesa do século XX. A importância do seu pensamento pode ser aferida a vários níveis. É notória a enorme influência que exerceu e exerce; à escala mundial, sobre uma nova geração de intelectuais e educadores – os chamados “pedagogos críticos” –, como é o caso de Michael Apple, Henry Giroux, ou Peter Maclaren. A sua proposta pedagógica, nomeadamente o seu método dialógico, é outro dos aspectos cuja influência se disseminou um pouco por toda a parte.

A vastíssima bibliografia que, um pouco por todo o mundo, tem sido publicada sobre Paulo Freire traduz o interesse e importância que o autor suscita. Ainda assim, e considerando a bibliografia conhecida, podemos afirmar que o interesse tem sido focalizado, sobretudo, sobre as questões políticas e pedagógicas do seu pensamento, entendidas e estudadas numa perspectiva eminentemente de matriz sociológica. São disso exemplo as obras de Henry Giroux (1988), de Peter Maclaren e L. Lankshear (1994), Carlos Alberto Torres (1978,1979, 1994), de Grabowski (1972), Lichenstein (1985), de Lauro Lima (s/d), Manuel Moura (1980), de Patrick Peritore (1986), de António Nóvoa (1996), entre muitos outros.

Não obstante este facto, as abordagens ao pensamento de Paulo Freire que têm como referente um quadro conceptual próprio da reflexão filosófica, nomeadamente da filosofia da educação, são praticamente inexistentes. De modo muito esparso é possível encontrar alguma bibliografia cuja temática é afim da reflexão filosófica. É exemplo disto as obras de Vicente J. Neves (1995), de Stanley Aronowitz (1994), de John Ellias (1976), de J. Simões Jorge (1979), ou de N.S. Selander (1990).

Em Portugal, e no que respeita à actividade desenvolvida pelos diversos centros de investigação filosófica, concretamente aqueles que se dedicam à investigação em Filosofia da Educação, são quase nulas as referências ao pensamento do autor.

Contudo, e atendendo às características muito particulares que contextualizam este nosso momento histórico, torna-se urgente efectuar um (re)direccionamento do nosso olhar para a obra e pensamento de Paulo Freire.

Se, como Reboul afirma, a Filosofia da Educação é, antes de tudo, uma interrogação, um pôr em causa tudo o que sabemos ou julgamos saber sobre Educação, ela não pretende constituir-se como um corpo de sabres acabados; permanece a questão de saber como é que se caracteriza esse questionar. Em primeiro lugar, se qualquer domínio não

escapa à interrogação da Filosofia, também nenhum domínio da Educação deve escapar à interrogação da Filosofia da Educação.

Tal como a Filosofia, também a Filosofia da Educação é, ou deve ser, radical; deve ir ao fundo das coisas – questões sobre o *valor* ou *sentido* têm aqui cabimento.

O filósofo está desarmado, contrariamente ao cientista das Ciências da Educação por exemplo, na justa medida em que não dispõe de documentos, de inquéritos, de experimentação, de estatística, etc. Contudo, ele deve dialogar com as Ciências da Educação, sempre que achar necessário deve promover o contacto com esses dados.

Dispõe, porém, de uma base sólida que lhe é fornecida pela sua própria história. Na verdade, o olhar retrospectivo permite-nos descobrir que os nossos problemas foram já ventilados no passado, e por essa razão podem ter uma função estruturadora dos nossos debates.

Pode-se, assim, iniciar diferentes itinerários, procedendo através de questões, e servindo-se dos autores que se lhes afiguram mais pertinentes.

A especificidade da Filosofia da Educação é visível, quer relativamente às Ciências da Educação, pelo tipo de questões que levanta; quer aos outros ramos da Filosofia, pelo seu objecto, a Educação.

Cito Reboul: “ *Para filosofar é preciso pois ir à escola dos filósofos, recordando, todavia, que uma escola é um lugar de onde se deve sair, uma instituição cujo fim verdadeiro não é apenas aprender tal ou tal verdade, mas aprender a pensar*”.

São particularmente pertinentes a este propósito as palavras de Anne-Marie Drouin-Hans, que sustenta que as “*Ciências Humanas podem alimentar e reactualizar a reflexão filosófica. Contudo, se as questões relativas à eficácia não são próprias do domínio da Filosofia, esta não pode deixar de tentar sugerir algumas “ideias de acção*”; até porque a filosofia ensina-nos que um ideal educativo não depende da prática mas, pelo contrário, é ele que funda a prática”.

A actividade filosófica assuem-se como um continuo reflexivo que, não negligenciando nenhum domínio, encontra na Educação um terreno fértil para a sua reflexão; este domínio educativo, cuja complexidade não pode ser omitida, desdobra-se, para olhar filosófico numa multiplicidade de questões.

Reboul, por exemplo, coloca quatro questões nucleares que enquadram, segundo a opinião do autor, a reflexão filosófica:

1. Onde se realiza a Educação? Daqui explora-se, sobretudo, a Família, a Escola, e a própria Universidade.
2. Como se realiza a Educação? Abre a reflexão para o domínio das múltiplas pedagogias.
3. Por quem é feita a Educação? A questão da autoridade é aqui situada, abrindo perspectivas para pensar a relação entre “regime político” e “pedagogia”.
4. Para quê a Educação? A eterna questão do sentido em Educação.

Drouin-Hans, seguindo um raciocínio muito semelhante, dá-nos alguns exemplos de questões que a reflexão filosófica privilegia. Assim, e de acordo com esta pensadora, encontramos “*questões relativas à moralidade; às finalidades do saber; ao estatuto epistemológico do conhecimento; à dimensão social e política da formação do Homem; à relação do Homem com a Natureza, etc*”.

Hoje, como talvez em nenhum outro momento da história humana a Educação é afectada de modo directo e intencional por aquilo que poderemos denominar de *constrangimentos exteriores de carácter essencialmente económico* .

A Filosofia, e muito particularmente a Filosofia da Educação, não pode descurar esta nova realidade. Ao invés, ela deve integrar, nas suas preocupações reflexivas, esta novel situação, cujas repercussões éticas, antropológicas, axiológicas são de todo merecedoras de um novo olhar atento e cuidado..

Sob o risco de se encerrar numa excessiva abstracção, a Filosofia da Educação não pode esconder as diversas transformações que afectam o nosso contexto civilizacional, com repercussões muito profundas para a Educação.

A ideia central desta intenção reflexiva relaciona-se concretamente com a questão dos “*Constrangimentos Económicos, Sociais e Políticos na Formação do Homem decorrentes da implementação das ideias neoliberais em ambiente pós-moderno*”, procurando reflectir sobre se o pensamento de um autor como Paulo Freire pode ou não constituir uma resposta a esta situação.

De um modo necessariamente breve, identificaríamos dois grandes eixos estruturadores deste nosso desafio, a saber: o Neoliberalismo e o conceito de Pós-modernidade. No que concerne ao Neoliberalismo, ele aparece-nos associado a esse fenómeno que dá pelo nome de Globalização

A globalização de matriz neoliberal confronta-nos com uma contradição entre o *capital* e *vida*. O modelo de construção neoliberal supõe a destruição de vidas humanas.

Há perigos inerentes à globalização neoliberal, tais como:

- Absolutização do mercado;
- A colonização dos espaços educativos;
- Emergência de Democracias de baixa intensidade

Os seus projectos afirmam-se como sendo os únicos possíveis e válidos, baseados na imposição de um pensamento único. Há lugar unicamente para a adaptação. Predomina uma racionalidade instrumental, de tipo económico.

Esta cultura dominante propaga um pessimismo que nega a possibilidade de mudar o que nos rodeia, tentando convencer-nos de que estamos diante de um novo e último modelo de ser humano. Dá que seja crucial recuperar o valor da *utopia* como motor da

transformação da sociedade, mediante o uso de uma linguagem e posicionamento críticos.

A partir da posição neoliberal materializam-se opções que no fundo podem dificultar ainda mais o exercício da *liberdade* das pessoas.

Os modelos neoliberais possuem a capacidade de penetrar o imaginário social, a vida quotidiana, os valores que orientam os nossos comportamentos em sociedade; está na verdade a produzir *novas subjectividades*; está a gerar novas formas de *violência* como recurso a uma sociedade que se afirma como geradora de exclusão; está a gerar a violência como forma de competitividade, *onde se perde o outro como alteridade dialogante* e o substitui pelo valor do outro como alteridade ameaçadora.

É imprescindível, pois, prestar atenção às trajectórias económicas, aos modos nos quais o capitalismo está a ser reestruturado – capitalismo sem pátria.

E, neste contexto, é necessário estar atento à crescente influência de instituições transnacionais – FMI, OCDE, BM, OMC –, no desenho e implementação das políticas governamentais de Educação ao nível de cada país.

A moderna sociedade da economia neoliberal encarna a vitória da vertente económica, transformando o mundo num espaço do *Homo Economicus*. Instala-se um novo tipo de *autoritarismo* que conjuntamente com tecnocracia neutralizam qualquer *potencialidade emancipatória*.

A Educação neste contexto poderá correr o risco de se ver unicamente como meros instrumentos ao serviço de uma lógica económica, vendo-se inclusive transformada em apêndice de empresas para as quais prepara a mão-de-obra.

O outro grande eixo por nós identificado diz respeito ao conceito de Pós-modernidade. Ainda que as suas raízes recuem ao século XIX e a Nietzsche, é no último quartel do século XX que emerge, enquanto conceito, em toda a sua expressão conflitual.

Na verdade, os anos oitenta do século XX viram florescer os desafios pós-modernos aos projectos de base iluminista. Obviamente que não é nossa intenção efectuar uma caracterização exaustiva e extensiva do conceito de Pós-modernidade. O nosso interesse, neste momento, é identificar algumas das suas linhas de força relativamente à Educação, seu sentido e suas funções na nossa sociedade actual.

Lyotard em entrevista dada, a propósito da questão «Educação», referia-se a esta nos seguintes termos: “*A Educação tem uma finalidade explicita na modernidade do fim do século XVIII. É a do projecto geral das Luzes: libertar a humanidade do despotismo política, mas também da ignorância e da miséria.*” Hoje os ideais da modernidade não são credíveis, porque nos 200 anos de história que nos separam das Luzes existiram um sem número de atrocidades cometidas, muitas vezes, em nome desses ideais.

Daí que para Lyotard seja imperioso que se faça o luto das Luzes, porque, e são suas estas palavras: “*vivemos o fim do humanismo [...], isto é, o modo de pensar o homem como sujeito livre, consciente, responsável, que o saber tornaria transparente a si mesmo.*” Assim, interroga-se Lyotard: “*como é que a educação pode ser uma libertação?*”

O saber já não é um meio de emancipação. Segundo Lyotard, a atribuir-se uma finalidade à Educação ela seria “*a de tornar as pessoas mais sensíveis às diferenças, de fazer-las sair do pensamento massificante. É preciso educar, instruir, nutrir o espírito de discernimento, formar para a complexidade.*”

Deste modo seria pouco crível que o projecto de Freire escapasse ao crivo da crítica pós-moderna. Muito sinteticamente – e não coarctando as possibilidades de outros aspectos susceptíveis de crítica –, estas assentavam em que :

- Freire via a História, não só em termos revolucionários, mas também em termos teleológicos – à semelhança da perspectiva do marxismo hegeliano do projecto emancipatório da modernidade. O telos emancipatório subjacente à história, é

potencialmente um sujeito colectivo auto-transparente – os oprimidos – que na sua demanda pela auto-realização recupera totalmente a essência crítica da humanidade.

- Freire afirmava que as mudanças na Educação tinham de ser acompanhadas por transformações sociais e políticas, o que denota um posicionamento utópico.

E contudo, uma interrogação teima em permanecer: *o discurso da Pós-modernidade terá assim tanto peso ao ponto de impor-se como um fenómeno natural à luz do qual não podemos escapar?*

Paulo Freire é um pensador que, no que concerne à reflexão sobre Educação, não recorre a amiúde à História da Filosofia como recurso; contudo, esta não lhe é completamente estranha....., mas também é verdade que as principais referências de Paulo Freire são sobretudo filósofos e pedagogos seus contemporâneos. Vejamos, genericamente, alguns exemplos: Célestin Freinet; Carl Rogers; Ivan illich; John Dewey; Lev Vygotsky; Jean Piaget; Emmanuel Mounier; Georg Hegel e António Gramsci, entre outros.

A sua proposta política articula-se com os princípios da Escola de Frankfurt. Tal como ela, Freire parte do pensamento dialéctico como pensamento em construção, como produto e como construção social, estabelecendo a ligação entre conhecimento, poder e dominação, para debater as questões da “invasão cultural”.

Ele parte, sem dúvida, da realidade do seu quotidiano, do seu contexto mais imediato, para pensar a Educação, e fá-lo de modo a fazer da Educação um instrumento de libertação da opressão que grassa no quotidiano da vida da maior parte dos cidadãos não só do Brasil mas de grande parte do mundo.

São dois os eixos estruturadores do seu pensamento, que enformarão e condicionarão o seu modo de pensar a Educação:

1. Desde muito cedo que os constrangimentos de correntes da estreita ligação entre a Economia e a Política – com implicações negativas para a vida dos homens, seu pai incluído – condicionam a forma como Paulo Freire pensa a Educação.
2. O convívio com os valores da doutrina cristã, por influência maternal, irão de igual modo condicionar a construção do seu edifício reflexivo.

Como resultado destes dois eixos temos um pensamento que se caracteriza por um *humanismo crítico*.

Significa isto que, mais do que o interesse na operacionalização das suas propostas na prática educativa (o método freiriano), interessa-nos atentar as propostas conceptuais que subjazem a essa sua outra proposta.

Se, como afirma Anne-Marie Drouin-Hans, são os ideais que fundam a prática educativa... interessa-me identificar quais os ideais educativos defendidos por Freire. Por exemplo, quando se fala em pedagogia revolucionária, qual o sentido que o termo revolução tem aqui? Em que consiste a pedagogia crítica de que Paulo Freire é o precursor? Na teoria da Educação por si desenvolvida, ele refere-se com frequência a obstáculos que é preciso ultrapassar, tais como o «pedagogismo» dos anos 60 – que sustentava que a Escola tudo podia, e o «pessimismo» dos anos 70, para o qual a Escola era meramente reprodutora do status quo. Ao pretender superar o «pedagogismo» e o pessimismo pedagógicos, Freire continua a ser fiel à utopia. Importa-nos saber, pois, que tipo de Educação defende Freire.

Poderá a proposta freiriana, imbricada de modo muito intenso nos valores e conceitos da modernidade, constituir uma ajuda para reflectir a Educação num contexto marcado pela Pós-modernidade e pela disseminação do Neoliberalismo.

Tendo vivido grande parte da sua vida a lutar pela implementação da dominação e pelo aumento da cidadania em situações não democráticas, Freire, assiste ainda em vida, à

desmultiplicação das formas de opressão e de exclusão que, paradoxalmente, acompanham o próprio desenvolvimento da Democracia. Afirma Peter Maclaren:

“A Globalização do capital, o movimento para organizações pós-fordistas de especialização flexível e a consolidação de políticas educativas neoliberais, exigem não apenas um compromisso vigoroso e actualizado com a obra de Freire, mas também a sua reinvenção no contexto dos debates actuais sobre as tecnologias de informação e a aprendizagem; a reestruturação económica global e o combate pelo desenvolvimento de novas formas revolucionárias.”

Freire, na primeira pessoa, referiu-se à Globalização capitalista neoliberal como o pensamento que abomina o sonho, a utopia, considerando que o futuro para o Neoliberalismo é fatalidade e não possibilidade.

Deste modo, é crucial percebermos as implicações que as ideias defendidas pela pós-modernidade e pelo próprio neoliberalismo, têm para a Educação e que nos obrigam a olhar para a Educação de uma forma diferente.